

internacional

internacional@jornaldocomercio.com.br

Guterres diz que só poder militar não garantirá a paz

Secretário-geral apela por cooperação internacional em tecnologia e IA

/ RELAÇÕES INTERNACIONAIS

O secretário-geral da ONU, António Guterres, abriu a 81ª Assembleia Geral das Nações Unidas ontem, em Nova York, pedindo um mundo focado na multipolaridade e representatividade em meio aos desafios de inteligência artificial (IA) e o alastramento de guerras.

Sem mencionar nenhum país em específico, ele enfatizou ser necessário “um reconhecimento, especialmente por parte das superpotências, de que seu poder não é tão ‘super’. Seu poder tem limites”. De acordo com o secretário-geral, o poder militar sozinho não pode garantir a paz, o poder econômico sozinho não pode comandar a estabilidade, e o poder tecnológico sozinho não pode garantir a segurança.

Para Guterres, é crucial evitar tendências hegemônicas e a divisão do mundo em dois blocos rivais com sistemas econômicos, tecnológicos e de segurança separados.

Em um sistema multilateral, Guterres também afirmou que é preciso dar um fim às guerras que afligem o mundo e solicitou diálogo para as guerras no Irã, Gaza, Ucrânia e Sudão. “Não po-



MICHAEL M. SANTIAGO / GETTY IMAGES NORTH AMERICA / GETTY IMAGES VIA AFP / JC

Discurso de ontem foi o último de Guterres à frente da organização

demos permitir que a solução de dois Estados desapareça diante dos nossos olhos”, enfatizou sobre a Palestina e Israel.

Esse foi o último discurso de Guterres à frente da organização. Além dos conflitos sem solução, ele comentou que seu mandato foi marcado pelo avanço dos modelos de IA como um tema da agenda internacional. O secretário-geral defendeu que as nações coordenem esforços globais para regular a tecnologia e garantir sua segurança através de órgãos independentes.

“Os seres humanos estão cada vez mais delegando poder

às máquinas. A IA está em expansão, e armas autônomas estão deixando a ficção científica para se tornarem realidade militar. No entanto, nossas instituições e sistemas de governança continuam a refletir as dinâmicas de poder e os interesses de uma era em grande parte superada. Esse é o desafio decisivo que temos pela frente”, disse.

Segundo ele, é necessário com urgência uma reforma do Conselho de Segurança para enfrentar os “problemas de hoje”, pois o mundo mudou desde a criação do Conselho após a Segunda Guerra Mundial.

Von der Leyen diz que mundo vive nova realidade

A presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, afirmou ontem que a 81ª Assembleia Geral das Nações Unidas tem início em meio a uma nova realidade, com um mundo multipolar e mais voltado para transações, onde a tentação de se voltar para

dentro pode ser forte.

Em postagem na rede social X, ela disse que este cenário tem uma certeza para a Europa: os desafios que enfrentamos são grandes, complexos e interconectados demais para que qualquer nação os enfrente sozinha.

“É por isso que a Europa sempre escolherá a abertura e a cooperação”, disse, sugerindo parceiros de confiança e que compartilham dos mesmos valores. “E por meio de um sistema multilateral sólido, construído para promover a paz no mundo de hoje”, concluiu.

Zelensky afirma que discutiu com Trump passos para encerrar guerra

O presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, informou que discutiu com o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, à margem da Assembleia Geral da ONU, passos de desescalada na guerra com a Rússia, visando abrir o caminho para a diplomacia.

“Acabei de ter uma reunião positiva e produtiva com o presidente Trump”, escreveu ele na rede X. “Tanto os EUA quanto a Ucrânia querem ver esta guerra russa sem sentido encerrada antes do inverno do Hemisfério Norte”.

Enquanto isso, as equipes de Washington e Kiev continuam trabalhando no lançamento da produção de interceptores Patriot na Ucrânia, acrescentou. Segundo ele, isso que ajudará a proteger vidas caso a Rússia rejeite as negociações e continue “apostando no terror de mísseis balísticos contra nosso povo neste inverno e além”.

Zelensky adicionou que discutiu com Trump um pacote de defesa aérea para o inverno ucraniano.

‘Estreito de Ormuz não deve servir a chantagem’, diz Macron

O presidente da França, Emmanuel Macron, afirmou nas Nações Unidas nesta terça-feira que a navegação pelo Estreito de Ormuz “não deve ser usada como chantagem”, pedindo também o fim das guerras ao redor do mundo. Essa é última participação de Macron na Assembleia Geral da ONU como presidente da França.

Segundo ele, é do interesse de todos que os navios possam transitar pelo Estreito, e sua reabertura é uma prioridade. Ele acrescentou que uma coalizão multinacional independente, que inclui a França, está trabalhando para restaurar a liberdade de navegação na passagem.

Macron também criticou a Rússia pela guerra contra a Ucrânia e disse que a Coalizão dos Dispostos, que apoia Kiev, está pronta para garantir a paz e a estabilidade.

Sobre Gaza, o presidente francês pediu que os países reconheçam o Estado palestino.

no. “Qual é o valor da nossa credibilidade se permaneceremos inativos em Gaza? O que precisamos é de respeito pelo direito legítimo dos palestinos”, enfatizou.

Paris também continuará a apoiar o Tribunal Penal Internacional (TPI) e o papel central que desempenha, frisou Macron, após o presidente dos EUA, Donald Trump, pedir a saída de aliados do TPI.

ANGELA WEISS / AFP / JC



Líder francês criticou a Rússia pela guerra com a Ucrânia

Estados Unidos celebra, mas Dinamarca segue com a Groenlândia

Os Estados Unidos assinaram ontem um acordo com Dinamarca e Groenlândia acerca do futuro do território ártico do país nórdico desejado por Donald Trump. Como já vinha ensaiando, o presidente americano festejou o arranjo, embora não tenha conseguido tomar a ilha como desejava.

Antes mesmo do evento, ocorrido após o discurso de Trump na Assembleia-Geral da ONU, o americano já havia dito em sua fala que

os groenlandeses haviam pedido sua proteção e a teriam na forma de duas novas bases militares na ilha.

Hoje, os EUA mantêm a estratégica Base Espacial de Pituffik no norte do território, e agora deverão trabalhar em duas áreas que haviam sido usadas na Guerra Fria: o aeródromo de Narsarsuaq e Mestersvig, que sedia a força permanente dinamarquesa que usa trenós puxados por cachorros em suas patrulhas.

O texto do acordo prevê “que os EUA podem estabelecer áreas adicionais de defesa e reforçar suas operações e instalações”. As liberdades, na prática, são as mesmas vigentes desde acordo de 1951, que chegou a ver 17 bases americanas na ilha na Guerra Fria.

Além disso, ele veta a presença militar de qualquer país que não seja da Otan, a aliança liderada por Washington, um truismo para afastar russos e chineses de uma

pretensão que seria viável dado que a Dinamarca também integra o grupo.

O gol mesmo foi de Mette Frederiksen, a primeira-ministra dinamarquesa, que viu entronizada a soberania de seu país no trecho que “reafirma a soberania e integridade territorial” do reino e o “direito à autodeterminação” do povo groenlandês, que vive num território autônomo controlado pelo país nórdico.

Assim, no melhor estilo Trump,

o americano passou parte da manhã em Nova York celebrando o que seria uma vitória estratégica, ainda que seja bem menos do que ele pregou desde o início de seu segundo mandato.

O premiê da ilha, Jens-Frederik Nielsen, celebrou o acordo e reafirmou a parceria sempre fustigada entre EUA e Otan. “A Otan importa, ela é vital também no Ártico. Sua segurança é nossa segurança”, disse, em referência aos americanos.